

O erotismo enriquece a vida: reflexões sobre a filosofia de Bataille para o campo da saúde

EROTICISM ENRICHES LIFE: REFLECTIONS ON BATAILLE'S PHILOSOPHY FOR THE
FIELD OF HEALTH

*Cauê Neves**

*Nádia Vitorino Vieira***

RESUMO

A vida orientada pelo tempo e pelas leis do trabalho implica em uma vida bifurcada entre disciplina e liberdade. O filósofo francês Georges Bataille identifica nesse dinamismo um sentido que apenas os seres humanos têm: o erotismo. Esse aspecto particular da vida humana requer investigações que sejam distantes do campo científico para se aproximar da complexidade interior do ser. Atravessando esse saber diferenciado e complexo, o erotismo passa a ser analisado como perpetuador da vida humana, enriquecendo-a ao mesmo tempo que a aproxima de uma experiência de quase morte.

PALAVRAS-CHAVE: Erotismo; Morte; Vida; Saúde; Bataille.

ABSTRACT

Life guided by time and the laws of word implies a life divided between discipline and freedom. The French philosopher Georges Bataille identifies in this dynamism a meaning that only human beings have: the eroticism. This particular aspect of human life requires investigations that are distant from the scientific field in order to approach the inner complexity of being. Crossing this differentiated and complex knowledge, eroticism starts to be analyzed as a perpetuator of human life, enriching it at the same time that it brings it closer to an experience of near death.

KEYWORDS: Eroticism; Death; Life; Health; Bataille.

* Graduando em filosofia pela Escola de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo-EFLCH/UNIFESP/ Campus Guarulhos, São Paulo, Brasil. c.neves@unifesp.br <https://orcid.org/0000-0002-2620-7179>

** Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo -Unifesp/Campus Baixada Santista, mestra em Filosofia, graduada em Psicologia e Filosofia. Psicóloga, técnica em assuntos educacionais e pesquisadora em Filosofia da Saúde – Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde – Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo – EPM/UNIFESP. Vice-coordenadora do Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde UNIFESP / CNPq, São Paulo, Brasil. nadia.vieira@unifesp.br <https://orcid.org/0000-0002-8610-6927>

Introdução

Bon-vivant de sua época, Georges Bataille (1897-1962), filósofo e escritor francês, esteve inserido em um contexto febril acerca de ideias que eram descabidas séculos atrás. O filósofo esteve a par da revolução sexual que a sua geração francesa incitava, e esse movimento se deu a partir das descobertas que a psicologia e a psicanálise - sobretudo a freudiana – consagraram como uma promessa que mudaria a forma como os seres modernos se enxergavam e discursavam. De repente, a filosofia, a literatura e as demais artes, estavam desavergonhadas frente ao objeto da sexualidade, pronta para ser explorada em diferentes áreas. Bataille pôde assistir isso. Todavia, não contente, queria mais, queria ir mais longe: “Se os resultados da psicanálise estão na base do conhecimento moderno da sexualidade, existe a possibilidade hoje de, sem negligenciá-los, ir ainda mais longe” (BATAILLE, 2013, p. 329). É nesse desafio que a expedição filosófica de Bataille se inicia, é a partir daí que *O erotismo* é possível.

É preciso, de início, uma investigação ontológica a respeito dos seres, dos animais aos humanos. Essa excursão é de extrema importância para o peso que o erotismo carrega, pois o trabalho é o edifício que dará margem para analisar a diferença radical entre estes dois seres. O artigo presente se debruça, da mesma forma que o filósofo, em primeiro lugar, para a caracterização dos seres e, depois, para o tema do erotismo. Doravante, a fim de complementar e enfatizar o caráter enriquecedor do erotismo, nos será oportuno compreender o tema do horror em contraste com o fascínio, bem como o da saúde erótica: o argumento capital deste artigo.

Em *Projeto de conclusão para O erotismo* (BATAILLE, 2013, p. 335-339), nosso filósofo relata que *O erotismo* nasce da força de um sonho que ele teve. Vigilante ao evento onírico, escutou na rádio a Quinta sinfonia do compositor alemão Beethoven e se pôs a escrever. É desse sonambulismo irreprimível e potente que, assim como ele, vamos partir.

1. Seres descontínuos e seres contínuos

Georges Bataille afirma que a vida humana é uma vida descontínua, isto é, os seres humanos se encontram isolados entre si. Nascer e morrer são experiências comuns, todavia, cada indivíduo passa (ou passará) sozinho por essas experiências. O nascimento dos seres é provocado pela união de dois seres descontínuos: a reprodução sexuada une o espermatozoide e o óvulo, o que gera uma continuidade temporária entre essas células. Temporária, de fato, pois o embrião que nasce a partir delas provoca, obviamente, a morte das células. O novo ser é, igualmente aos seus pais, um ser descontínuo. E assim como seus pais também nasceram de uma reprodução, o filho, o novo ser, traz consigo uma lembrança e um desejo de uma continuidade. A continuidade é aquilo que promete uma unidade para a solidão do ser, a conexão comunal com todos os seres e a natureza que permitia viver o instante sem temer a cronologia terrificante que conduz a morte.

Descontinuidade e continuidade são aspectos que atravessam apenas a vida humana. Isso quer dizer que antes – e aqui Bataille se presta a um estudo arqueológico dos homens – do *Homo sapiens*, entre seus an-

tecessores não havia, internamente, essa disputa que cerca os homens de tempos mais remotos. Os antecessores dos humanos eram seres contínuos. Suas vidas eram baseadas no instante, ou seja, as tarefas do cotidiano não eram organizadas por um tempo lógico, fragmentário, que serviria para projetar ou prever o futuro. A morte não era uma questão, tampouco gerava sofrimento. Ela apenas significava o retorno do corpo à matéria orgânica. Toda a decomposição natural do corpo não gerava horror.

Qual seria o momento decisivo que levaria os homens da continuidade para a descontinuidade? O momento crucial, segundo Bataille, para tal separação, ocorre quando o trabalho passa a gerir a vida. As ferramentas e as comunicações são o objeto de estudo que Bataille usou para sua análise.

Os vestígios do trabalho aparecem desde o *Paleolítico inferior* e o sepultamento mais antigo que conhecemos data do *Paleolítico médio*. Em verdade, trata-se de tempos que duraram, segundo os cálculos atuais centenas de milhares de anos: esses intermináveis milênios correspondem à muda em que o homem se desprende da animalidade primeira. Ele saiu dela trabalhando, compreendendo que morria (...) (BATAILLE, 2013, p. 55).

Assim, o trabalho é um condicionante para o movimento do homem de transformar a antiga continuidade radical, total, que era fundamental para os homens mais antigos, para uma continuidade que surge em uma lembrança, uma nostalgia, nos seres de hoje. A racionalização da natureza compromete a experiência interna do homem, desde o reconhecimento de si até as suas relações com os outros homens. Simultaneamente, o trabalho implica um conjunto de regras e leis que determinam a atividade laboral, colocando o homem de trabalho sobre uma divisão de deveres

o que, por sua vez, o coloca dividido entre o tempo do trabalho e o tempo livre: essa é a fórmula da descontinuidade. Entende-se esse conjunto de regras e leis pela ideia do interdito. O interdito tem a função de ordenar e configurar a vida dos viventes, não mais lhe dando qualquer equivalência daquele ritmo de vida anterior ao surgimento do trabalho. “(...) o trabalho introduziu um intervalo, graças ao qual o homem cessava de responder ao impulso imediato comandando pela violência do desejo” (BATAILLE, 2013, p. 64).

A razão do mundo do trabalho é a essência da vida humana. Porém, a razão não é total, a obediência ao modo de vida racional é limitada, o trabalho não é absorvido inteiramente (BATAILLE, 2013, p. 63). Se há um tempo reservado para a dedicação aos deveres que o trabalho impõe, há, também, em contrapartida, um tempo reservado para uma vida sem os interditos do trabalho. Bataille dirá que, apesar de todo o racionalismo, sempre subsiste uma violência, “uma violência de um ser de razão, que tentou obedecer, mas sucumbe ao movimento que nele mesmo não pode reduzir à razão”. Trata-se, portanto, da transgressão.

2. Não há interdito que não possa ser transgredido.

Violência e excesso são termos sinônimos para a filosofia batailliana. Ambos representam uma manifestação contrária ao do trabalho, esse último, “exige uma conduta razoável, em que os movimentos tumultuosos que se liberam na festa e, geralmente, no jogo, não são admitidos” (BATAILLE, 2013, p. 54). O interdito do trabalho, suas regras, segrega

a violência que colocaria toda a operação do trabalho em risco. Tal dinamismo de situações opostas é fundamental para compreender os outros interditos, como o da morte e o da atividade sexual. A transgressão, como citada anteriormente, se opõe à razão. Isso porque o trabalho não supera a violência ou, o excesso dos seres, e “não há interdito que não possa ser transgredido” (BATAILLE, 2013, p. 87). Os interditos têm como objeto fundamental a transgressão. Então, Bataille observa que a violência não foi suprimida ao longo da história dos viventes com o encadeamento do trabalho e de suas regras.

O interdito se serve da transgressão, bem como a transgressão se serve do interdito. A imposição de leis e regras de convivência em comunidade gera, ao mesmo tempo, a necessidade de violar toda lei estabelecida. Sendo assim, o momento da transgressão, que pontua a ausência de racionalismo, também não significa o retorno à natureza, vide os homens contínuos que viviam sem interditos e com uma violência ilimitada. Pelo contrário, a transgressão permite esse intervalo irrefletido, mas não suprime o interdito. Caso fosse assim, a partir de um interdito violado, habitar-se-ia em um espaço totalmente violento. É o que o verbo alemão intraduzível *Aufheben*, associado à dialética hegeliana, pode exemplificar: superar mantendo (BATAILLE, 2013, p. 59). Ademais, a transgressão, além de ter uma ligação com o interdito, ela já foi prescrita em inúmeras ocasiões, inclusive bíblicas. Ela é admitida e prescrita:

Somos tentados a rir, pensando no solene mandamento: “Não matarás”, seguido pela bênção dos exércitos e pelo “Te Deum” da apoteose. O interdito é seguido sem rodeios pela cumplicidade com o assassinato! Seguramente,

a violência das guerras trai o Deus do Novo Testamento, mas não se opõe da mesma maneira ao Deus dos Exércitos do Antigo (BATAILLE, 2013, p. 87).

Bataille toma como exemplo o interdito do assassinato, que se desvanece no tocante às guerras. Insistindo nela, podemos ter mais noção do jogo entre o interdito e a transgressão. O filósofo afirma que, com a ausência do interdito, não haveria guerras. É, segundo ele, fácil querer desejar a violação de um interdito uma vez que ela induz a uma atração fascinante pela transgressão. Consagrar leis é uma provocação que desemboca no desejo da violação. Os animais não desenvolveram a empresa organizada que é a guerra, visto que a transgressão do interdito do assassinato, na guerra, tem sua origem a partir da violência humana, que se afirma racional (BATAILLE, 2013, p. 88-89).

Contudo, se a transgressão supera o interdito, mas ainda o mantém vivo, como seria a resolução de um assassino, como aquele em situação de guerra? O interdito sobrevive ao momento de sua transgressão, daí a culpa que invade os corações dos assassinos. Uma maldição se segue e toma seu corpo: uma angústia que é própria do interdito; a experiência do pecado (BATAILLE, 2013, p. 62).

3. Da santa ao voluptuoso: o homem do trabalho e o homem da festa.

O ser possui em sua interioridade aquilo que a vida é em si: instável e desequilibrada. A vida “é um movimento tumultuoso que se encaminha constantemente para a explosão” (BATAILLE, p. 84). Os interditos

e os desejos de transgressão se repetem constantemente nos indivíduos até a morte. Com o estabelecimento de uma vida regrada pelo trabalho, a vida passa a ser invadida pela descontinuidade que isola os seres do mesmo modo que condena e atíça seus desejos mais internos. Condena, pois, não caberia ao espaço do trabalho qualquer tipo de violação. Caso haja, a culpa reinará sobre os violadores. E, atíça, já que os interditos implicam em transgressão e os seres veem na transgressão uma possibilidade de extravasar – o reencontro com a continuidade que foi perdida quando ainda se era um embrião. Se a descontinuidade causa uma angústia terrível, o choque em se reconhecer como ser finito, a impossibilidade de viver o instante e o medo de desaparecer, só a busca pela continuidade permite uma trégua dessa “maldição”.

A manutenção do trabalho é derivada de uma série de exigências econômicas para possibilitar que a sua produtividade permaneça firme e que os seus funcionários não se percam por seus impulsos internos. A essa economia do trabalho, tem-se a redução dos movimentos transgressores do homem. Refrear esses movimentos é, ao mesmo tempo, impulsionar o excesso. Bataille identifica esse excesso como algo que ameaça a ordem social (BATAILLE, 2013, p. 91), tal como um meio de se entregar à violência. Excesso e violência se conectam. Assim, o trabalho é lapidado por intermédio dos interditos, os quais bloqueiam qualquer manifestação do excesso e sua potencialidade violenta. A coletividade do mundo do trabalho, sua civilidade, portanto, não corre risco.

Não obstante, o excesso como parte natural dos seres não é mitigado com a lógica econômica do trabalho. “É possível buscar a coesão

do espírito humano, cujas possibilidades opostas se estendem da santa ao voluptuoso” (BATAILLE, 2013, p. 29). A natureza possui uma lógica econômica pródiga que não desaparece com o trabalho. Ao contrário, essa lógica é apenas suspensa temporariamente. Intervalos que dividem o homem entre lógicas opostas que disputam entre si. “A vida é em sua essência um excesso, a vida é a prodigalidade da vida. Sem limite, esgota suas forças e seus recursos; sem limite, aniquila aquilo que criou” (BATAILLE, 2013, p. 110).

O excesso ganha corpo com a festa e os jogos. Bataille toma de empréstimo a *Teoria da Festa* do sociólogo Roger Caillois¹ para a análise da transgressão no entorno das festas. A festa é um evento que desfaz toda a ordenação da civilidade que o trabalho propõe e impõe. É, por excelência, um espaço para os impulsos desgovernados. O filósofo extrai de Caillois os seus estudos sobre a festa de certos povos da Oceania para dar sentido e razão na sua ideia de transgressão e sua dinâmica *Aufheben*. O fundamento do trabalho, para além de censurar os desejos internos – o excesso – ele anuncia um acordo mais profundo que reserva sua vontade de violar, exceder e transgredir (BATAILLE, 2013, p. 92).

Há, na festa, a libertação temporária dos impulsos. Festas e ritos, mesmo quando há uma especificidade devido ao seu valor e propósito coletivo, em ambos há uma comunhão libertina que recompensa aquilo

¹ CAILLOIS, Roger. O sagrado de transgressão: Teoria da festa. In: A arte, entre festa e mudez. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil: outra travessia, 2015, p. 15-56. (Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2015n19p15>). Caillois (1913-1978) foi um sociólogo, ensaísta e crítico literário francês. Teorizou também sobre os jogos no livro *Os jogos e os homens: A máscara e a vertigem* (Ed. Vozes, 2017).

que foi censurado, como no trabalho. Faz-se necessário a festa em meio aos imperativos do trabalho. “Sob o ângulo econômico, a festa consome em sua prodigalidade sem medida os recursos acumulados no tempo do trabalho” (BATAILLE, 2013, p. 92). A festa simboliza uma reunião de sentimentos que denotam uma ideia de quebra de regras – superação dos limites – que invadem a alma do daqueles que festejam. Esse sentimento, por certo, é apenas um sentimento. As regras são quebradas, como dito anteriormente, de forma temporária. O interdito envolve também a transgressão. O objeto de todo esse trajeto violento é o *erotismo*. O erotismo é a transgressão que liberta os homens do trabalho, mas é, por outro lado, o interdito que reascende sobre os corpos libertinos. Gozo e pecado; prazer e culpa.

4. O erotismo

A proposta de Bataille para a ideia do erotismo se opõe a qualquer noção que o senso comum já produziu do erotismo. Ademais, o autor também não aborda o conceito a partir de um viés científico, o qual é visto como uma barreira para o entendimento que ele almeja alcançar. O erotismo só pode ser entendido através da interioridade humana. Apesar de seu objeto erótico sempre remeter à esfera exterior ao ser, o êxtase erótico sempre se destinará à interioridade do desejo (BATAILLE, 2013. p. 53).

A complexidade do interior da vida humana não pode ser resumida aos estudos fisiológicos e biológicos. Mais do que isso, a análise precisa se aliar às experiências humanas. Suas escolhas e seus desejos,

movimentos que foram ancorados com a racionalização do meio, são elementos de uma vida descontínua. Logo, há uma diferença entre o modo de reprodução daqueles que eram contínuos – os animais – dos humanos racionais, descontínuos. Bataille estabelece essa diferenciação a partir da interioridade presente nesses últimos. Os animais têm uma sexualidade que, apesar de compartilharem entre si a subjetividade, eles não possuem esse apelo interior. Os seres humanos se lançam aos desejos da vida sabendo que podem se colocar em perigo e sabendo de seus limites. Aderem a uma violência, não aquela de um animal feroz, mas a de um homem que reserva a sua razão.

Ao desespero da descontinuidade que torna os seres, por vezes, horrorizados, temerosos e solitários diante da vida e da morte, eles perseguem todo sinal que desperta a continuidade perdida. Buscar qualquer reflexo contínuo se traduz em uma busca pela eternidade. A nostalgia de uma vida contínua é o motor dos desejos dos seres e ela se conecta com a morte. Uma vez que os animais não temiam a morte porque ela não era uma questão de reflexão, vivia-se o instante, sem o passado e sem o futuro, os humanos passam a herdar um sopro do que era a vida contínua. Esse sopro, mais uma vez, é reforçado em seu nascimento, quando as duas células da vida morrem. Morrer, na literatura batailleana, é se reconectar com a natureza em seu caráter mais violento e natural.

O erotismo coloca aqueles que o sentem em um momento de desfalecimento: “a passagem do estado normal ao de desejo erótico supõe em nós a dissolução relativa do ser constituído na ordem contínua” (BATAIL-

LE, 2013, p. 41). Desfalecer, com efeito pois lembra um sentimento de quase-morte. O sentimento erótico é produto de mecanismos que aproximam o ser de sua morte. Lembremos da expressão francesa *La petite mort* ou, em português, a pequena-morte. A expressão francesa é a experiência que Bataille nos escreve: é o ápice do gozo sexual que se aproxima da morte. É uma pequena-morte, não uma morte definitiva. A vertigem de um desfalecimento é o ponto alto em que todas as interditos (regras, leis, condutas, normas etc.) são suspensos: o ser se encontra íntima e indiretamente conectado com seu meio – esse ecossistema contínuo. Não há uma duração exata do erotismo sobre o corpo, podendo durar poucos segundos ou passar de horas. Pode ser através da atividade sexual, como também pode ser em um evento, como o da festa. O erotismo é a transgressão; mas, tem a sua origem no interdito: O erotismo nasceu do interdito, vive do interdito, e se não tivéssemos o interdito em nós mesmo, se não conservássemos esse sentimento de interdito no que tange o essencial do erotismo, não poderíamos ser eróticos no sentido em que falei, ou seja, num sentido que implica a violação (BATAILLE, 2013, p. 325).

Bataille expõe a flexibilidade que o jogo dos interditos tem sobre a essência humana. Interditos são intransponíveis para a existência. A transgressão, do mesmo modo, também o é. Vive-se um desequilíbrio, jamais uma linearidade pacífica e ordenada. E a vida clama por um instante voluptuoso. É como a fotografia sessentista *Leap into the void* (Salto no vazio) do artista Yves Klein. Klein, objeto da foto a seguir. O salto para o vazio representa uma busca pela morte: ele se lança de braços abertos e

com o rosto inclinado para cima. A duração do salto até a queda é o erotismo. Sabe-se que a fotografia em questão foi manipulada pelo artista. No processo, ele caiu em uma rede de proteção; mas, o que é capturado pelas câmeras, é o movimento erótico sentido por Klein.



Figura 1: Leap into the void, 1960, Yves Klein

5. A morte e o perigo mágico

No livro IV de *A República*, de Platão, Sócrates lembra Glauco de uma história de Leôncios, filho de Agláion, o qual avistou, em sua caminhada ao Pireu, três cadáveres ao lado de um carrasco. Conta que Leôncios sentiu desejo e repulsa em ver os corpos mortos. Depois de lutar contra a razão, a abandona e vê, então, os cadáveres. “Aqui tendes, génios

do mal, saciai-vos deste belo espetáculo.” reclamou Leôncios, filho de Aglaion (PLATÃO, LIVRO IV 439e - 440a).

Essa história exemplifica movimentos que estão presentes na obra *O Erotismo* de Bataille: o horror e o fascínio ao ver um cadáver e a disputa da razão versus o desejo. O autor observa, no conjunto de questões sobre o tema da morte, o interdito que tem uma função de apaziguar o aspecto terrível da morte. Em primeiro lugar, os seres descontínuos temem a morte porque têm a consciência dela: refletem e sofrem ao pensar na sua morte e na morte de seus próximos. Assim, há um agenciamento da morte que serve para apaziguá-la. Os rituais fúnebres, o sepultamento e a proibição do assassinato são interditos que compõem o aspecto da morte no mundo descontínuo.

Observar um cadáver, como fez Leôncios, filho de Aglaion, gera reações fortes para os sobreviventes, pois, daí se seguem questões que têm como objeto a própria vida do ser, sobretudo a do sobrevivente. O cadáver em estado de decomposição produz espanto por se tratar da posse desgobernada de germes e vermes sobre um corpo que não tem mais controle de si e que está em seu fim. “(...) o horror à morte está ligado não apenas ao aniquilamento do ser, mas também à podridão que devolve as carnes mortas à fermentação geral da vida” (BATAILLE, 2013, p. 80).

Além disso, as matérias que fervilham sobre o cadáver anunciam o futuro retorno do sobrevivente à purulência da vida (BATAILLE, 2013, p. 81). Aqui, Bataille entra em acordo com a filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900) a respeito do aspecto violento da natureza e a continuida-

de que a morte produz. Nietzsche, em *Assim Falou Zaratustra*, escreveu: “Assim quero morrer eu para que, por mim, ameis mais a terra, meus amigos: e eu quero tornar-me terra, para encontrar o meu repouso naquela que me gerou” (NIETZSCHE, 2002, p. 113).

Outrossim, Bataille define esse horror ao cadáver à ideia de um *perigo mágico*. O cadáver não representa uma ameaça objetiva. No primeiro momento, percebe-se que o cadáver está marcado pelo signo *nada*. As expectativas que poderiam ser atendidas ou não quando o ser estava vivo, agora é reduzida a zero. Não há correspondências diretas entre o cadáver e o sobrevivente. O temor é injustificável, irracional: não há meios para qual o morto usaria para provocar perigo. Por esse motivo, Bataille classifica esse horror como um perigo mágico. O horror engendra reações subjetivas que atravessam o interior do sobrevivente, isto é, o medo e o nojo são apenas um diálogo solitário. O domínio do horror é monótono e o cadáver é uma imagem arruinada.

De outra forma, se o cadáver é visto, é porque ele provoca fascínio. Bataille, no tocante a esse tema, escreve: “(...) por um lado, o horror nos afasta, ligado ao apego que a vida inspira; por outro, um elemento solene, ao mesmo tempo terrificante, nos fascina, introduzindo uma perturbação soberana” (BATAILLE, 2013, p. 70). O interdito da morte é configurado de tal forma que nos afasta da violência que ela suscita; mas, se há interdito, há, igualmente, a transgressão. Desejando ultrapassar toda a configuração que desloca a morte de nossa vista, os impulsos humanos perseguem o cadáver mesmo com toda a ordem que um costume pode di-

tar sobre as vidas. Uma possível tragédia que assinala um corpo e o transforma em cadáver é um espetáculo para os vivos. Durante os anos 60, o artista estadunidense Andy Warhol se apropriou de imagens midiáticas de tragédias norte-americanas na série *Death and Disaster*. O método de Warhol era em repetir e colorir tais imagens, provocando diversas possibilidades de interpretação sobre o uso dessas imagens pela mídia. Mas, uma interpretação não falta: o desejo de Warhol em se apropriar dessas imagens perturbadoras e o desejo do público em observá-las. Seja ao vivo, pela televisão ou pela sua reformulação artística, há, em todas elas, um desejo. Há o espírito de Leôncio, filho de Aglaion.

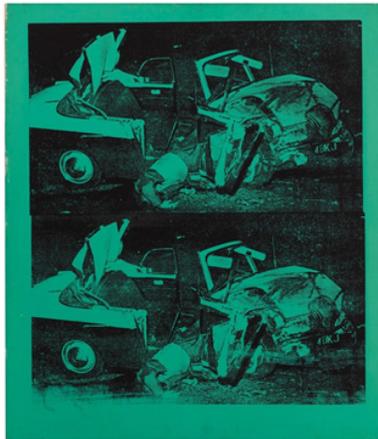


Figura 2: Green disaster (green disaster twice), 1963, Andy Warhol

Seguindo nessa temática, Bataille une o horror ao cadáver às reações negativas sobre as dejeções alvins e os órgãos sexuais, sendo esses últimos os órgãos que, tanto produzem sensualidade, como também eva-

cuam dejeções – “nascemos entre fezes e urina” – o autor lembra da frase de Santo Agostinho (BATAILLE, 2013, p. 81).

A putrefação e a obscenidade são temores semelhantes no interior dos seres descontínuos. Aspiramos ver e sentir tais temores, ao passo que eles revidam em um vazio profundo e angustiante – um movimento vertiginoso. A busca pela continuidade tem sentido com a promessa de vida do erotismo: a vertigem de uma experiência que desfalece seus espectadores ou participantes, com o aspecto luxuoso da morte.

O momento do ato sexual ocorre devido aos desejos do excesso entre os amantes próprios ao desejo de transgredir os interditos que cercam a sexualidade. E o excesso do transe sexual implica em conspiração. Aqueles dominados pelos interditos sexuais – inclusive pelos interditos da morte – ficam horrorizados quando imagens obscenas são colocadas diante deles. Mas, a beleza significativa entre os amantes precisa ser conspirada. “(...) a essência do erotismo é conspiração” (BATAILLE, 2013, p. 169). A relação obscena promove o sentimento de ir até o limite da morte, que é o limite do desejo. A face orgástica se confunde com a face hipocrática. A morte, assim, é renunciada com o anúncio do gozo. A vida, por outro lado, é enriquecida.

Como é doce permanecer no desejo de exceder, sem ir até o fim, sem dar o passo. Como é doce permanecer longamente diante do objeto desse desejo, mantermo-nos em vida no desejo, em vez de morrer indo até o fim, cedendo ao excesso de violência no desejo. Sabemos que a posse desse objeto que nos queima é impossível. Das duas, uma: o desejo nos consumirá ou seu objeto cessará de nos queimar. Só o possuímos sob uma condição: que pouco a pouco o desejo que ele nos provoca se apazigue. Mas antes a morte do desejo que a nossa morte! Satisfazemo-nos com uma ilusão (BATAILLE, 2013, p. 166).

6. Saúde Erótica: o erotismo é uma condição humana

Para além do que se deduz pelo senso comum, a experiência erótica é mais do que a atividade sexual. O que se experimenta no coito também pode ser experimentado em outros atos ou eventos, solos ou em grupo, que quase toca a morte e quase liberta a alma. Uma pessoa que se arrisca em escalar uma montanha extremamente alta, portando equipamentos de segurança questionáveis, reconhece o risco fatal que pode lhe encontrar quando essa errar um movimento ou fraquejar as mãos ou os pés. A queda é fatal. Aqui o desejo é complexo: o medo de cair não suspende a animosidade em seguir até o objetivo máximo. Subir ao topo possibilita uma visão única; mas, o caminho, a escalada, é uma tensão erótica, uma vez que ela gera o convite à morte. Se arriscar em uma aventura como essa é potencializar a vida e exceder os limites. O aventureiro é, após o prazer erótico de uma escalada difícil, um bem-aventurado.

Mesmo aquele que se recusa ao passeio radical sobre uma montanha também já se encontrou e ainda se encontrará com o erotismo. Em todos os seres há a consolidação dos interditos e o desejo de violá-los. O erotismo torna a vida tolerável e não tão angustiante porque promove um apaziguamento aos pensamentos tristes do fim da vida, enriquecendo a vida do homem a querer outras experimentações eróticas. A vida é construída incessantemente por causa dos impulsos eróticos, sem os quais teríamos uma vida baseada apenas nos ideais de um trabalho, sem descanso, que levaria a um adoecimento fatal. A importância do trabalho só é reco-

nhecida quando se tem, ao mesmo tempo, em um paradoxo, a projeção de um tempo-espaço da liberdade dos excessos, das festas, das danças, dos atrevimentos, do ato sexual, do erotismo.

Ao pensar a respeito do tema do cuidado, Alexandre Costa, no livro *Por uma Ética do Cuidado* de Marisa Shargel Maia, abre uma reflexão quanto a fábula de Higino² autor latino. “Parece-me justo considerar que a mortalidade do homem é o fundamento a partir da qual o cuidado se instaura como seu elemento e caráter mais próprio” (COSTA, 2009, p. 31) afirma o professor universitário. Ora, o cuidado também perpassa pelo erotismo. O erotismo, a experiência *petite mort*, é uma renúncia da morte. É um enriquecimento e potencialização da vida. O véu erótico é o cuidado que prolonga a vontade de viver e faz parte da arte do esquecimento que o professor escreve (COSTA, 2009, p. 36). Temos a presença da morte durante o instante erótico para sentirmos o seu gosto luxuoso e, ao mesmo tempo, afastamo-la para o futuro. A renunciamos porque almejamos os prazeres da vida.

² Certa vez, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de terra argilosa. Ocorreu-lhe então a ideia de moldá-lo dando-lhe forma. Enquanto pensava sobre o que acabara de criar, interveio Júpiter. Cuidado pediu-lhe que insuflasse espírito à forma que ele moldara, no que Jupiter o atendeu prontamente. Cuidado quis, então, dar um nome à sua criação, mas Júpiter se opôs, exigindo que ele, que lhe dera espírito, fosse também quem lhe desse nome. Enquanto Cuidado e Júpiter disputavam sobre quem lhe daria o nome, apareceu a terra que, tendo cedido parte do seu corpo, para o que fora criado, queria também nomeá-lo. Diante de tamanha contenda, decidiram Saturno seria o juiz da disputa. Saturno então, tomou uma decisão, equânime proferindo a sentença: “Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito de volta; tu Terra, que cedestes do teu corpo, receberas o corpo de volta. Mas, como foi cuidado quem primeiro o formou, pertencera a ele enquanto viver. E havendo entre vós disputa insolúvel sobre o seu nome, eu o nomeio: chamar-se-á “homem”, pois foi feito de húmus (terra fértil) In: MAIA, Marisa Schargel (org.). 2009. p.30.

Considerações finais

O luxo que é a vida humana ousa colocar os seres, descontínuos que são, em movimentos de risco e terrificantes; um brilho que presenteia a vida para além do que ela limita e censura, a exemplo das leis do trabalho. Esse artigo observou que o erotismo tem um aspecto positivo para a manutenção e o enriquecimento da vida, que ele possibilita o contato com a morte, obscura, mas apaziguante: ao fim da experiência, a vida se reintegra, enriquecida porque se excedeu os limites da vida, mesmo que momentaneamente. Percebeu-se que o momento erótico advém não somente da atividade sexual, mas pode ser localizada em festas, danças, esportes radicais, enfim, tudo o que coloque a vida em questão. Constatamos que a configuração que Bataille expõe no cerne à reprodução, é essencial para a compreensão total do tema. Então, dedicamo-nos às diferenças entre seres contínuos e seres descontínuos, sendo que esse último comporta a possibilidade luxuosa do erotismo a partir do empreendimento laboral.

Seguiu-se, então, com a pesquisa acerca do que é aquele tempo oposto ao do trabalho: o tempo do excesso, decorrente da transgressão do interdito. Tal movimento nos apareceu profundamente sofisticado, visto que interdito e transgressão se servem mutuamente. Isto é, a transgressão não encerra o interdito, que volta a envolver a vida humana.

Destacamos a morte para exemplificar, através do conceito de *perigo mágico*, o seu aspecto tenebroso e fascinante, que engendrou também outros interditos: a proibição do assassinato, os rituais fúnebres e os sepultamentos.

Finalmente, o desenvolvimento construído nesse artigo pôde chegar à máxima em que o erotismo se encontra com a saúde. Em termos qualitativos, analisamos que o erotismo suspende os limites que a vida e seus interditos gerenciam, possibilitando uma vida mais prazerosa, instigante e luxuosa.

Referências Bibliográficas

BATAILLE, Georges. O erotismo. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2020

COSTA, Alexandre. A fábula de Higino em Ser e Tempo: das relações entre cuidado, mortalidade e angústia. In: MAIA, Marisa Schargel (org.). Por uma ética do cuidado. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. .29-51

KLEIN, Yves. Leap into the void. 1960. Disponível em: [<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/266750>] Acesso em: 28 out. 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Cauê Neves
Nádia Vitorino Vieira

PLATÃO. A República. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 6ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

WARHOL, Andy. Green disaster (green disaster twice). 1963. Disponível em: [<http://www.katarte.net/andy-warhol-green-disaster-green-disaster-twice-2/>] Acesso: 28 out. 2021.